

The background of the cover is a dramatic, fiery landscape. In the foreground, there are bright, intense flames in shades of orange and yellow. Behind the flames, a dark, jagged volcanic landscape is visible, with a large volcano in the distance emitting a massive plume of dark smoke and ash into a sky filled with orange and red light. The overall atmosphere is one of intense heat and destruction.

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

PURGATÓRIO E PARAÍSO

PURGATÓRIO E PARAÍSO

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: <http://luso-livros.net/>



PERSONAGENS

D. EMÍLIA DE SÁ: 38 anos.

LUÍSA AMÉLIA: 19 anos.

ALFREDO DE TOVAR: 19 anos.

BERNARDO DE MASCARENHAS: 40 anos.

JORGE DE SÁ: de 20 a 25 anos.

CONSELHEIRO NÓBREGA: meia idade.

BARÃO DE VILA MARIM: meia idade.

FRANCISCO DE SÁ: meia idade.

O PRIOR DE BENFICA.

MÉDICO.

ALFAIATE.

BOLEEIRO.

DOIS CRIADOS.

São cenas da atualidade, passadas em Lisboa e Benfica.

ACTO I

Casa não luxuosa; mas graciosamente ornada.

Portas ao fundo, e lados.

CENA I

JORGE de Sá e depois um CRIADO

JORGE

Hoje é um dos tais dias aziagos. Os meus credores combinam-se. Quando vem um, vêm todos. Eu adotei o sistema de todo o caloteiro insigne e ilustrado: recebo os credores com tanta delicadeza, e despeço-os com educação tão fina, que todos se retiram, como de todos os bailes... penhorados das atenções do dono da casa, que muitas vezes não é dono de casa nenhuma, como eu. Abra-se a sessão. O Brás!

CRIADO

Meu senhor.

JORGE

Que importunos são esses que me querem falar?

CRIADO

V. S^a sabe... Acho que são... aqueles homens de Lisboa...

JORGE

Conheces quem são?

CRIADO

Ora, se conheço! Há seis meses a vê-los todas as semanas duas vezes...

JORGE

A minha tia já saiu do quarto?

CRIADO

Não, meu senhor.

JORGE

E Luísa?

CRIADO

A menina anda a passear na quinta desde o nascer do sol.

JORGE

Esses homens que entrem. Quantos são?

CRIADO

Por ora são só quatro; os outros costumam vir depois de jantar.

JORGE

Que entre cada um pela sua vez sem distinção de sexo nem idade. (O criado sai).

CENA II

JORGE, só

O credor é o verdugo do homem de bem; é a espada de Dâmocles; é o terror da juventude esperançosa; é o espectro do rei da Escócia; é a sombra de Nino; é o Lúçifer despenhado no inferno... dos devedores insolúveis; é, finalmente, um homem contra o qual se pode recitar um comprido monólogo sem enfastiar a plateia, porque não há plateia em que o credor não esteja em deplorável minoria. Eu estudo - sem ser subsidiado pelo governo - o modo de arrancar do seio social este cancro, chamado o credor; porque o credor é um vampiro, é um animal mestiço, filho de raposa e mocho; velhaco como a mãe, e esperto de olho como o pai, que até de noite vê. O credor, enfim, é... (vendo o alfaiate à porta do fundo) é o alfaiate!

CENA III

JORGE e o Alfaiate

ALFAIATE

Dá licença, senhor Jorge de Sá?

JORGE

Ó meu caro senhor! Sem a menor cerimónia... (trazendo-o pelo braço e indigitando-lhe o canapé). Ali... o seu chapéu... tenha a bondade de sentar-se, faz favor? Por quem é, senhor Trancoso... então?...

ALFAIATE

São só duas palavras...

JORGE

Queira sentar-se... O meu amigo, sempre indulgente com as minhas faltas, não se cansa de fazer justiça à causa involuntária que o traz ainda no desembolso de...

ALFAIATE

Réis, 120\$000... (querendo ler as parcelas)

JORGE

Tem a bondade de não ler? Eu não duvido da sua retidão no valor de um ceítal... Pois, meu prezadíssimo amigo, têm-se dado algumas contrariedades monetárias na minha vida. Brevemente, porém, estarei de posse de uma fortuna, da qual o senhor Trancoso pode dispor como sua.

ALFAIATE

Muito obrigado... Eu não quero senão os meus cento e vinte mil réis, sendo possível hoje, porque...

JORGE

Essa quantia, meu amável cavalheiro, é um grão de areia no meu oceano de cabedal.

ALFAIATE

Pois o senhor Jorge negociava agora em cabedal?!

JORGE

Não me entendeu, senhor Trancoso. Queria dizer-lhe que estou em vésperas de fazer um casamento vantajosíssimo com a filha do barão de Vila Marim, e preparava-me para ir consultar o meu amigo sobre o melhor emprego que eu podia dar aos meus capitais, aventurando-os em empresas industriais, de boa harmonia com as modernas ideias de economia social. O meu amigo poderá dizer-me...

ALFAIATE

Nada... não posso dizer nada, porque, a falar a verdade, não o entendi bem... Parece-me que V. S^a disse que queria fazer economias, e eu acho isso muito acertado, depois que se paga a quem se deve.

JORGE

É esse o meu pensamento dominante, senhor Trancoso; e, entre os meus insignificantes débitos, será o seu o primeiro. Entretanto, espero continuar a

merecer a sua confiança, mandando-me preparar um casaca azul com botões amarelos, outra verde com botões brancos, um pio-nono anelado com alamares cor de limão, e um fato campestre de uma meia. cachemira cor de azeitona de Sevilha, adicionando a nova verba à conta velha, que lhe será muito lucrativamente paga. É servido de lanchar comigo? Quer dar-me o prazer de respirar o ar puro e balsâmico do meu jardim? Quer ver as prodigiosas melancias que eu tenho? Eu chamo o escudeiro...

ALFAIATE

Não, senhor, eu tenho que fazer... será noutra ocasião. Então diz-me V. S^a...

JORGE

Que no prazo improrrogável de um mês está. o mestre Trancoso embolsado de... 240\$000 réis...

ALFAIATE

Cento e vinte mil réis...

JORGE

Bagatela a diferença... e amanhã irei provar as encomendas que fiz.

ALFAIATE

Passe V. S^a muito bem até amanhã.

JORGE, com entusiasmo, abraçando-o

Meu nobre amigo! os devedores honram-se quando os seus credores são assim ilustrados e benévolos. (Acompanha-o à porta, trejeitando cortesias).

Brás, acompanha este senhor!

CENA IV

JORGE e depois o BOLEEIRO (*)

[() Boleeiro era um cocheiro cujo negócio consistia em alugar carruagens. Para quem não disponha de lugar para ter uma carruagem ou não tivesse meios de sustentar a manutenção dos animais que eram necessários para a conduzir, recorria a este tipo de negociantes.]*

JORGE

A delicadeza inventou-se para humanizar estes bichos. O devedor delicado e de fino trato tem sempre à sua disposição uma moeda, que, se não amortiza a dívida, convida sempre os credores a uma suave moratória. O dinheiro inventou-se para contrabalançar a grosseria do homem estúpido. O homem delicado é como os meninos de Esparta: vivem à custa do Estado.

BOLEEIRO

Ora viva, patrão.

JORGE

Olá, José Ruço, como vais tu? A parelha baia ainda se leva à maravilha?

BOLEEIRO

Estamos todos bons, patrão, louvado Deus, para o servir; mas de chelpa vamos mal. Faz favor de acabar com isto (tirando a conta). Trinta e dois aluguéis de Benfica a Carnaxide, a Sintra, e a Lisboa, ida e vinda, soma... soma...

JORGE

Senta-te, rapaz.

BOLEEIRO

Estou bem, meu amo, quero crescer; farto de estar sentado à espera, desde as seis horas, estou eu... Soma 51\$400 réis. Palavra que não vou daqui sem o meu dinheiro. Isto já passa de caçoada. Hoje, ou V. S^a me paga, ou eu vou pedir a sua mãe, ou tia, ou que diabo é, que me pague, senão mando-lhe a casa o meirinho.(*)

[(*) oficial da justiça]

JORGE

Fala baixo.

BOLEEIRO

Contos não enchem, meu amiguinho. Se quer que eu me vá embora, pague-me; meu amo põe-me hoje na rua, se lhe não levar o dinheiro, e não me dá as soldadas.

JORGE

Pois vai-te embora, que eu lá levo de tarde o teu dinheiro.

BOLEEIRO

Não ando, o senhor diz-me sempre isso. Isto já cheira a calote!

JORGE

És um vil canalha! Sai já daqui, senão mando-te dar reboque com uma tranca.

BOLEEIRO

Ó patrão! Venha de lá essa tranca: quero ver como se paga com uma tranca a quem pede o seu dinheiro. Ande lá, meu amo, pegue lá na tranca!...

CENA V

Os mesmos e ALFREDO DE TOVAR

ALFREDO DE TOVAR

Que bulha é esta?!

JORGE

o Alfredo, como estás? Não é nada... (Para o boleeiro). Vai-te embora.

BOLEEIRO

Já disse: pague-me, se quer que eu vá.

ALFREDO, ao boleeiro

Dá cá essa conta (vê, e está tirando do porte-monnaie dinheiro).

CENA VI

D. EMÍLIA DE SÁ e os mesmos

D. EMÍLIA, obstando a que Alfredo pague

Senhor Tovar, tenha a bondade de retirar o serviço ao meu sobrinho; mas a delicadeza sou eu que lha agradeço. (Ao boleeiro) Homem, espere no pátio... lá se manda pagar a sua conta; e diga a esses homens que lá estão, que esperem. (O boleeiro sai). Jorge, tu envergonhas-me. Já não sei como hei de mostrar-te o desgosto que me faz a tua companhia. Estas quantias, que pago, já as não dou para salvar a tua honra; é para salvar a minha. Desculpe-me, senhor Alfredo. A sua familiaridade nesta casa consente-me este desafogo; e a nobreza com que quis poupar o seu amigo à última vergonha de espancar um credor, faz-me cada vez mais prezadas as suas excelentes qualidades. Dê-me licença. (Sai).

CENA VII

ALFREDO e JORGE

ALFREDO

A tua tia tem razão, Jorge.

JORGE

Nos elogios que te fez? Que modéstia!

ALFREDO

Não: na repreensão que deu às tuas dissipações. Não gastes tanto, meu amigo. Depende o que tiveres. Podes estar sempre no agrado desta excelente senhora, e viver com as regalias que poucos rapazes têm.

JORGE

Pois não! ótimas regalias.... Tenho para aí um gig velho e uma cavalo esparvonado, com meia dúzia de moedas mensais para extraordinários... É realmente de apetite esta fortuna!

ALFREDO

E eu que sou filho de um milionário não tenho cavalo nem carro. Qual das nossas posições é a mais brilhante?

JORGE

Eu sei cá! Tu tens um futuro, e eu já perdi as esperanças de ser herdeiro da minha tia.

ALFREDO

Procede com mais tino, e serás herdeiro da tua tia.

JORGE

Qual herdeiro! Os bens dela quem os herda é Luísa.

ALFREDO

Não creio... Luísa é uma simples afilhada da tua tia...

JORGE

Deixa ser! mas tem sabido insinuar-se na sua estima com tal hipocrisia...

ALFREDO

Hipocrisia, não, Jorge! Isso é injuriar a sinceridade de Luísa. Não sejas injusto com a tua amiga...

JORGE, rindo

Minha amiga! Porque não dizes antes: “Não sejas injusto com a minha amante?”

ALFREDO

Eu não me ofendo, glorio-me até com essa correção irónica... Oxalá que não te enganes, e que o título com que me lisonjeias, ela mo dê também. Sabes de mais o que eu sei de mim, e não quero, nem posso negar-te que amo Luísa como se ama uma irmã muito querida... Não somos rivais, não, Jorge?

JORGE

Ora essa!...

ALFREDO

Quando me apresentaste à senhora D. Emília, perguntei-te se Luísa te era indiferente... Parecia-me impossível que o fosse... Respondeste-me que era.

JORGE

E é, e será... eu não desço tanto...

ALFREDO, sorrindo

Não desces tanto..... É muito orgulho, meu amigo... penso eu... Depois de algumas visitas, em que passei da cerimónia à familiaridade, disse-te que amava Luísa, e me dava por bem pago do meu amor.

JORGE

E daí?

ALFREDO

Daí... seria hoje um capricho louco desdizer-me, e é da tua parte pouca delicadeza caluniar a pobre menina que nos estima a ambos.

JORGE, com seriedade cómica

Tu pareces um provinciano! Que ares de amante idiota! Luísa, pelo que vejo, é impecável!... Sabes tu o que me pareces?... Aquele Molière sempre era um grande pintor!...

ALFREDO

Molière pintou Sganarello, Scapin, Orgon, Jorge Dandin, Pourceaugnac, e...

JORGE

Et etecetera.

ALFREDO, sorrindo

E Tartufo... que sou eu, não é assim, meu caro Jorge?

JORGE

Vamos lá, vamos lá... todos temos um bocado da tal honrada personagem!

ALFREDO

Agradeço-te o meu quinhão, amigo; mas... hipócrita e lorpa provinciano, ao mesmo tempo, é de mais: não posso pagar os direitos de ambas as mercês...

JORGE

Esse ar de chufa requentada parece-me assim de homem que (faz menção de farejar) cheira a dinheiro! Os teus futuros quatrocentos contos têm uma ação retroativa... Falta-te um abdómen proeminente para te ir ao pintar a gravidade pedantesca...

ALFREDO, sorrindo

Aqui estou eu debaixo do teu ridículo! Desafoga, meu amigo, deixa expandir-se livremente o génio da sátira que te há dado mais vítimas do que amigos...

Não me poupes...

JORGE

Isto é graça!... (abraça-o) sempre amigos! Sabes que mais? Vou matar codornizes no restolho. Tu cá tens quem te entretenha... Ai vem Luisinha.

CENA VIII

LUÍSA e os mesmos

LUÍSA, a Alfredo

Estava aqui, e eu só soube agora? Passou bem? (A Jorge). E o meu amiguinho como está? Ainda hoje não falámos...

JORGE

A menina tem andado no bosque a conversar com os rouxinóis, e eu tenho cá estado em casa a conversar com uns melros de bico revoltos...

LUÍSA

Com uns...? (A Alfredo). Ele que disse?

JORGE

Pois a Luisinha não ouviu a algazarra?

LUÍSA

Não, eu não ouvi algazarra nenhuma. Que foi?

ALFREDO

Nada, minha senhora. Jorge está de belo humor!...

JORGE

Até logo. Vou à caça.

LUÍSA

Venha cá: deixe-se estar... O seu amigo não vai?

JORGE

O meu amigo não gosta de caçar codornizes... O género de altanaria é outro...

Até logo (Sai).

CENA IX

LUÍSA e ALFREDO

LUÍSA

Que diz ele?!

ALFREDO

Nada que mereça explicação.

LUÍSA

Eu entendi-o.

ALFREDO

Pior, minha querida Luísa. Eu quisera antes que certas expressões, ou a intenção delas, te achassem sempre ignorante.

LUÍSA

Sabes que eu estou sofrendo muito, meu amigo...?

ALFREDO

Que é? Não te consinto um segredo.

LUÍSA

Este homem faz-me um grande mal.

ALFREDO

JORGE?... De que maneira?

LUÍSA

Eu não lho mereço. Estou sempre pedindo à madrinha que lhe dê dinheiro, que o não repreenda, que o não expulse de casa; e ele, depois de me ter intrigado, perdoando-lhe eu sempre... e sabendo que eu te quero tanto...

ALFREDO

Diz... a tua suspensão aflige-me.

LUÍSA

Teve a indiscrição, ou talvez ruindade de dizer que me amava, desde que me viu, e tinha direitos ao meu amor...

ALFREDO

Ele!... Jorge!... É pois certo que não tem uma qualidade boa!...

LUÍSA

Não lhe digas nada, não?

ALFREDO

Não mo recomendes... E depois há mais algum motivo de sofrimento?

LUÍSA

Lança-me em rosto a minha hipocrisia. Diz que sou uma astuciosa, que estou vendendo a minha madrinha os afagos, que dissimulo... Isto chega ao coração, Alfredo... Deus sabe que lhe tenho pedido a morte antes que a minha madrinha me falte...

ALFREDO

Não peças, filha, que me tens a mim no mundo.

LUÍSA

Tenho, e é uma consolação saber que sofres comigo; porém... Não vá vir a madrinha (Escuta à porta lateral)... que te disse eu, Alfredo?

ALFREDO

Disseste que me tinhas como irmão no sofrimento...

LUÍSA

E a realização do nosso querido futuro?... Essa... não espero...

ALFREDO

Porquê?!

LUÍSA

O teu pai é um homem muito nobre, e muito rico, e eu sou uma órfã, sou pobre, nem ao menos sei o nome dos meus pais...

ALFREDO

Criança! que tem a riqueza e fidalguia do meu pai com o meu coração? Não te tenho eu dito que a minha felicidade não ma dará o dinheiro? Não me tens visto invejar a sorte dos operários nesta quinta? Não vês que estou tão afastado dessa roda onde o dinheiro é recomendação? Homem que assim pensa será capaz de sacrificar-se moralmente a ambições de um pai, por mais respeitável que a sua vontade seja? Eu queria desenganar-te, Luísa, e... hei de desenganar-te...

LUÍSA

Como, Alfredo?! Eu não temo enganos teus...

ALFREDO

Hei de obrigar-te suavemente a fazer justiça inteira à independência de
algumas almas...

CENA X

Os mesmos e o Criado

CRIADO

Está na sala de espera um senhor que pretende falar à senhora D. Emília.

LUÍSA

Dê-lhe parte. (O criado sai). Vamos à quinta, Alfredo. Deixemos esta sala à minha madrinha.

CRIADO, fora

Faz favor de entrar, que a senhora vem já.

CENA XI

BARÃO DE VILA MARIM e depois D. EMÍLIA.

BARÃO, examinando

O aparato não me cheira à tal fortuna... Veremos o que daqui sai... isto é uma casa de quinta... enfim... pode ser. (Para D. Emília que vem entrando) Minha senhora, passasse muito bem... Eu tomei a liberdade de procurar a V. Ex^a.

D. EMÍLIA

Não sei a quem tenho a honra de falar.

BARÃO

Eu sou o Barão de Vila Marim, criado de V. Ex^a para a servir. (Ligeiro cumprimento de D. Emília). Creio que não me conhece.

D. EMÍLIA, indicando-lhe o canapé

Não tenho o gosto.

BARÃO, sentando-se

Pois, minha senhora, eu sou o Barão de Vila Marim, e tenho urna sofrível fortuna arranjada por meios lícitos, graças a Deus, e não como a de alguns meus colegas, que a arranjaram Deus sabe como, e eu também sei alguma coisa... Pois, enfim, minha senhora, eu tenho quatro filhas, e dois rapazes. As raparigas estão casadoiras, e eu, a falar a verdade, não sei guardar as mulheres, porque diz lá o ditado que nem o diabo as guarda. Pois, minha senhora, um destes dias, apareceu na minha casa um rapazote de cabriolet, bem arranjado, pedindo-me minha filha segunda, que é a Joanhinha, que já fez os seus dezoito. Eu disse ao tal noivo que queria saber quem era, e a fortuna que tinha, porque isto, bem sabe a senhora, que... está visto... a pequena tem trinta contos já, e o que casar com ela, se não tiver mais, arranje-se lá como puder, mas há de ter outro tanto; sim, isto é claro, pois não acha?

D. EMÍLIA

Sim, senhor.

BARÃO

Pois é verdade. O tal moço, como eu lhe vinha contando, disse-me que era natural de Évora Cidade, onde tinha uma boa casa, e estava vivendo em

Benfca na companhia de uma tia muito rica, que pelos modos é V. Ex^a, de quem é herdeiro ele. Disse chamar-se Jorge de Sá Pignatelli Lencastre... e não sei que mais. Pois, minha senhora, é ao que eu vinha...

D. EMÍLIA

Ainda não sei ao que o senhor vem.

BARÃO

Venho saber se isto é verdade, com quanto dota V. Ex^a o seu sobrinho, e quanto valerá esse morgadio que ele tem em Évora Cidade.

D. EMÍLIA

Responderei: meu sobrinho não é morgado, é filho segundo de uma casa arruinada. Não o doto em vida, nem tenciono instituí-lo meu herdeiro. Creio que respondi.

BARÃO

Também me parece que sim... É o que eu queria saber... Então seu sobrinho é um troca-tintas...?

D. EMÍLIA

Pelo simples facto de ser meu sobrinho, lembro ao senhor barão de... de...

BARÃO

Barão de Vila Marim.

D. EMÍLIA

Lembro ao senhor barão de Vila Marim que é pouco cortês o nome que lhe dá. Preciso tratar do governo da minha casa; e então... (ergue-se).

BARÃO, erguendo-se

Em todo o caso fará o favor de lhe dizer que me não ande lá pela rua a fazer douda a cabeça da rapariga.

D. EMÍLIA

Se a cabeça da sua filha tiver o necessário juízo, não corre o risco da loucura; e eu creio que as filhas de V. Ex^a hão de ser educadas com estremo melindre... senhor barão.

BARÃO, saindo

Às suas ordens, minha senhora.

CENA XII

D. EMÍLIA e depois o CRIADO

D. EMÍLIA, tocando a campainha

Como hei de eu ver-me livre deste vexame continuado em que me tem este homem!... (Ao criado que entra). O senhor Jorge está em casa?

CRIADO

Saiu com a espingarda e com os cães, senhora.

D. EMÍLIA

E o senhor Alfredo Tovar onde está?

CRIADO

Andava agora com a menina no jardim. (Reparando) Ele aqui vem.

D. EMÍLIA

Retira-te, e não entre aqui alguém sem minha ordem.

CENA XIII

D. EMÍLIA e ALFREDO TOVAR

D. EMÍLIA

Mandava-o agora chamar, senhor Alfredo, para uma... para uma impertinência.

ALFREDO

Que poderá V. Ex.^a querer-me que me não seja muito agradável!

D. EMÍLIA

Começarei por fazer o elogio da minha afilhada. Não há coração mais bom, nem mais sincero. Tem a inocência que protege a fraqueza. Se há pecado no coração de Luísa, as ações puras de todos os dias estão-na sempre absolvendo. Não conhece ainda bem minha afilhada, senhor Tovar, para não achar suspeito este elogio.

ALFREDO

Eu conheço aquele anjo...

EMÍLIA

Se a conhece, há de amá-la muito.

ALFREDO

Senhora D. Emília, porque me não diz que sabe que eu a amo muito?

EMÍLIA

Ainda não disse tudo do elogio. A minha afilhada só tem para mim um segredo, mas, coitadinha, sabe tão pouco simular, que esse mesmo lhe adivinhei. Pensa que é do seu amor? Não é, senhor Tovar; esse contou-mo ela... a chorar, como quem chora urna esperança morta.

ALFREDO

Uma esperança morta! Que diz V. Ex^a?! Eu inspiro desconfiança a alguém?!

D. EMÍLIA

Não antecipemos o fim desta nossa entrevista. Em louvor da minha afilhada, quero confiar-lhe o segredo que ela me esconde: é a dor de não ter apelido de pai ou mãe: julga-se uma enjeitada que a piedade perfilhou. Tem no fundo do coração a mágoa de não herdar da sua mãe ao menos a virtude, e do seu pai a honra. Ela já lhe falou nisto?

ALFREDO

Ligeiramente.

D. EMÍLIA

E Jorge?

ALFREDO

Esse...

D. EMÍLIA

Esse disse-lhe alguma invenção torpe...

ALFREDO, vacilante

Não, minha senhora...

D. EMÍLIA

Disse-lhe que Luísa era uma exposta que eu levantei das lajes da rua.

ALFREDO

Se o dissesse, eu pedir-lhe-ia que cobrisse com a bandeira da misericórdia a desonra dos pais de Luísa, por amor de Deus e dela.

D. EMÍLIA, perturbada

O senhor tem um nobre coração... Vou-lhe dizer o nascimento desta menina. Eu tive uma amiga que Deus me emprestou por poucos anos. Amou até à cegueira. Galardoou com corpo e alma a desonra de um pérfido. Foi abandonada, quando o abandono excruciava duas vítimas ao mesmo tempo. Esse homem casou com outra. A minha amiga sobreviveu algumas horas ao deixar uma herdeira das suas lágrimas na terra. Jurei-lhe proteção à criancinha; fi-la minha; dei-lhe o coração que dera a sua mãe, e mandava-lhe todos os dias o meu coração ao céu para que a mãe a visse. Esta é a história de Luísa,

senhor Tovar. Eu não vesti o meu conto com palavras tocantes. Quis reduzi-lo a poucas, para chegar depressa onde a impaciência de nós ambos nos chama. Luísa ama-o muito. Eu, sua segunda mãe, consultando a primeira, se o coração me fala por ela, não reprovoo semelhante amor. Quais intenções são as suas? Desculpe-me a grosseria da pergunta; mas eu falo com um mancebo que mereceu o amor da minha Luísa. Quero, neste instante, pertencer a uma sociedade onde as palavras não servem para desfigurar os pensamentos... Para que ama Luísa?

ALFREDO

Não lho disse ela, minha senhora?

D. EMÍLIA

Há coisas que o pudor não diz. A minha afilhada ainda não proferiu uma palavra que anda na boca de todas as meninas da sociedade escolhida. Esta palavra “casar” tem um som que fere o coração inocente e afeia os lábios virgens que a pronunciam. Não me chame visionária... O senhor Tovar quer fazer sua esposa minha afilhada?

ALFREDO

Se houvesse de responder negativamente, creio que não estaria a esta hora na presença de V. Ex^a.

D. EMÍLIA

Que impede a pronta realização dessa vontade?

ALFREDO

Até ontem a vontade do meu pai, hoje a de V. Ex^a. Quando me encaminhava para esta sala, vinha pedir o seu consentimento.

D. EMÍLIA, erguendo-se e estendendo-lhe a mão

Tem-no. (Vai à porta, chamando) Brás... (ao criado) chama aqui a senhora D. Luísa. (O criado sai). Eu hei de ir daqui agradecer ao Senhor o primeiro momento de felicidade que me está dando na minha vida.

ALFREDO

E eu pedir-lhe-ei que me dê a felicidade de reproduzir esses momentos com quanto amor e respeito se pode ter a uma segunda mãe.

CENA XIV

Os mesmos e LUÍSA

D. EMÍLIA, tomando-lhe a mão

Apresento-te teu esposo, Luísa. (Luísa baixa os olhos) o coração não te manda agradecer, filha? (Luísa abraça a madrinha escondendo-lhe a face no seio. Tovar, curvando um joelho, beija a mão de D. Emília, que o ergue). A gente nas grandes amarguras tem a expressão do gemido; para as grandes alegrias não há nenhuma! Luísa, reparte do teu coração uma migalha desse prazer, que tão poucas mulheres sentem puro de temores e de remorsos. Eu não o experimentei, e tinha uma alma tão digna de o sentir... (chora).

ALFREDO

Minha boa amiga...

LUÍSA

Porque chora, minha madrinha? Eu não a deixo...

D. EMÍLIA, concentrada

Entre a saudade e o remorso há uma paixão que rasga... Ora aqui está o que é a felicidade nesta vida... mistura de risos e prantos. A tua... não é assim, Luísa. Dou-te a um anjo, a um homem que não entendeu o mundo, e fugiu para nós, que também o não entendíamos... Pareces-me oprimida, filha! Queres-te sozinha agora? Isso é tão natural... Vai colher dois ramilhetes de flores, e desta vez não tragas cipreste no meu, não?...

(Luísa, envergonhada, sorri e sai).

CENA XV

D. EMÍLIA e ALFREDO

D. EMÍLIA

Não o deixo ir com ela, porque vão dizer puerilidades... (Sorrindo) Sente-se ao pé de mim; vamos conversar. Falemos da sua família. O seu pai já Jorge me disse que era o senhor Bernardo Tovar.

ALFREDO

Não, minha senhora. Tovar, é apelido da minha mãe; adotei-o, porque me era tão cara a santa senhora, que, desde criança, me assinei com o apelido dela.

D. EMÍLIA

Já me disse que morrera há pouco tempo...

ALFREDO

Há quinze meses.

D. EMÍLIA

Foi muito querida do seu pai?

ALFREDO

Penso que não, minha senhora... Sofreu muito. Os anos de casada foram tormentosos. Disse-me, uma vez, que estava no mundo, expiando um tremendo crime. Não ousei devassar o santuário desse terrível segredo; mas meu pai sabia-o.

D. EMÍLIA

Pobre senhora! talvez morresse imaculada para entrar no céu.

ALFREDO

Se este mundo é purgatório...

D. EMÍLIA

E seu pai não minorava o suplício dessa expiação?

ALFREDO

O meu pai era talvez... o seu verdugo. Há pouco tempo que uma velha criada me disse que o meu pai fora obrigado a casar com a minha mãe.

D. EMÍLIA

Casamentos forçados é santificar com um sacramento a luta de vítima e algoz. Antes a morte no desamparo, que o martírio a portas fechadas. E como se chama seu pai?

ALFREDO

Bernardo de Mascarenhas.

D. EMÍLIA, erguendo-se impetuosamente

Como?!

ALFREDO, o mesmo

Que é, minha senhora?! (D. Emília, silenciosa, fixa-o penetrantemente) V. Ex^a.
não me diz que impressão foi essa?

D. EMÍLIA, sentando-se

Pelo amor de Deus, silêncio, senhor! Eu sinto uma agonia que me não deixa sair daqui!

ALFREDO

Que tem V. Ex^a! Por quem é, senhora D. Emília diga-me se eu sou causa dessa comoção! (D. Emília acena negativamente).

CENA XVI

Os mesmos e LUÍSA

LUÍSA, com os ramalhetes

Aqui estão, madrinha! (Surpreendida) Jesus! ela que tem?

ALFREDO

Um ataque repentino.

LUÍSA

Virgem Santíssima, valei-me! Minha madrinha, fale-me, por piedade!

D. EMÍLIA, beijando-a

Sai desta sala, minha filha. Espera-me no teu quarto. (Luísa não vai) Não me desobedeças... vai... (Luísa sai).

CENA XVII

D. EMÍLIA e ALFREDO

D. EMÍLIA, erguendo-se

Senhor Tovar!... acabou tudo entre nós.

ALFREDO

Que diz, minha senhora?!

D. EMÍLIA, com resolução

Não lhe dou minha afilhada.

ALFREDO

Isso é impossível? Que mal lhe fiz eu? A história do meu pai é causa para tamanho desprezo?! Hei de eu ser marido como ele foi?!

D. EMÍLIA

Senhor Tovar, seja honrado como tem sido... Esqueça minha afillhada... Diga o adeus último a esta casa.

ALFREDO

Por piedade, senhora, que me mata!

D. EMÍLIA

Morreremos todos, senhor Tovar, e eu serei a primeira. (Ouve-se um grito de Luísa) A desgraçada ouviu tudo! (Vai socorrê-la. Luísa entra espavorida, e corre a Alfredo, que se dirige a ela. D. Emília coloca-se entre ambos, afastando-os).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Sala mobilada com magnificência

CENA I

BERNARDO DE MASCARENHAS, passeando com sinais de aflição;
MÉDICO, saindo de uma porta lateral

MASCARENHAS

Como está meu filho, doutor? Esperava-o para lho perguntar.

MÉDICO

Está a dormir, e bom será que se prolongue este sono restaurador. Eu volto logo, senhor Mascarenhas.

MASCARENHAS

Receia, doutor?

MÉDICO

Eu receio sempre; e, quando a enfermidade está no espírito, receio mais da importância da medicina.

MASCARENHAS

Não duvida que ele sofre por uma causa moral?

MÉDICO

Não posso achar outro diagnóstico.

MASCARENHAS

Vou sondar meu filho.

MÉDICO

Devê-lo-ia ter feito, senhor Mascarenhas. Eu tentei-o já, e ele atalhou-me, logo no começo, definindo a sua morte como bálsamo único de uma chaga incurável. Instei delicadamente por explicações: não me respondeu. V. Ex^a conseguirá o que eu não consegui. Faça-o como pai, e eu auxiliá-lo-ei como amigo: como médico receio não tirar proveito. Até logo. Eu demoro-me pouco. (Sai).

MASCARENHAS

O menos tempo que possa, doutor.

CENA II

BERNARDO DE MASCARENHAS e O CONSELHEIRO NÓBREGA

MASCARENHAS

Eu não queria tanta pontualidade, meu caro conselheiro! A minha carta decerto alterou o teu velho costume de dormir até ao meio dia.

CONSELHEIRO

São quinze dias de dor de cabeça, meu caro Mascarenhas; mas quem te deu o coração há vinte anos, também te dá a cabeça agora, sendo necessário. Então que temos? A tua carta pareceu-me escrita com pressa e aflição. Senta-te aqui (no sofá). É verdade, como vai teu filho?

MASCARENHAS

Mal, abatidíssimo, e... desconfio... Morre, talvez... e o mais certo... Faltava-me este golpe...

CONSELHEIRO

Não morre, não. Ali anda amor dos dezanove anos. Tu, na idade dele, tiveste muitas daquelas crises. Não te lembras de Évora Cidade?

MASCARENHAS

Apontaste já o motivo porque te chamei. Recorda-te: era eu cadete, e amei aquela mulher...

CONSELHEIRO

Aquela! é preciso saber qual das três: tu amavas, ao mesmo tempo, a flor de Évora, uma menina da família dos Sás. Amavas uma peregrina formosura de Beja, onde estiveste destacado. E amavas, em Lisboa, uma terceira com quem casaste.

MASCARENHAS

Trata-se da primeira. Sabes bem a história de Amália de Sá?

CONSELHEIRO

Soube até ao momento em que saímos ambos de Évora: tu preso para casares com a menina de Lisboa que seduziras; eu para Inglaterra emigrado, onde nunca tive novas tuas, nem dela. Em 1833 achei-te transfigurado. Ouvias com repugnância as recordações da nossa mocidade, e nunca me falaste de Amália, nem me apresentaste a tua mulher. Respeitei o melindre da reserva, e nunca te falei de amores.

MASCARENHAS

Não era reserva, meu amigo: era o tédio de mim próprio; era o receio de assanhar com recordações as víboras que trazia no coração. Sabes que fui violentado a casar-me. O pai dessa mulher, que foi, ao mesmo tempo, meu algoz e a minha vítima, era um homem necessário ao governo. Apesar dos meus grandes haveres e proteções, se não caso com Henriqueta Tovar, era degredado ou talvez envenenado no Limoeiro. Eu disse sempre que Henriqueta seria desgraçada, mais desgraçada que eu. Sacrificaram-na, fizeram-na instrumento de vingança... e viveu dezoito anos de amarguras. Passavam-se meses que a não via; e, durante dezoito anos, não foi minha esposa, foi uma mulher aborrecida que vivia debaixo das mesmas telhas... Não me repreendas na tua alma, porque o meu coração estava cheio do amor de Amália. Noite e dia, diante dos meus olhos, estava sempre o lúgubre espetáculo de uma mulher lacrimosa com uma criancinha ao seio. Eu desviava

a atenção para o bulício da vida e da riqueza, e via-a sempre, sempre aquela criatura tão santa aos meus olhos, e tão infamada aos da sociedade. Escrevi a um amigo, pedindo-lhe novas de Amália; respondeu-me que era público em Évora o nosso amor; e que, depois da minha ausência, Amália se retirara para uma quinta com uma criada; e, depois do meu casamento, fora para o Ultramar, chamada por um tio, governador de uma possessão. Ignorava-se felizmente que Amália era mãe. Dois anos depois, há um magistrado de Luanda que me diz ter falecido o tio de Amália, e ela, sua herdeira, voltara a Portugal. Fiz, com quanto melindre pude, novas indagações, que chegaram ao conhecimento de Amália. Um dia recebo uma carta com estas palavras: “Esqueça-se de mim por piedade. As suas indagações são um novo ultraje. Infamou-me: não reviva a infâmia, associando o meu nome ao seu”. Isto foi um punhal que me abriu no coração a entrada para a consciência dos meus deveres. Há quinze anos que não proferi o nome de Amália, pensando nela sempre. Achei-me em contacto com pessoas de Évora, que podiam informar-me: nunca aventurei uma pergunta. Se ela vinha aos lábios, forçava-a a retroceder ao coração como um trago de fel! Tem sido um suplício atroz! Estou viúvo há quinze meses. Deixei passar um ano para desafogar esta ânsia. Quero saber onde está Amália, quero pedir-lhe perdão, quero verter algumas lágrimas sobre os seus cabelos brancos, ou sobre a sua sepultura... O meu caro Nóbrega, tu sabes tudo, podes tudo saber em poucos dias, procura-me Amália

como procurarias a felicidade do teu velho amigo: ajuda-me a desencravar este espinho de remorso.

CONSELHEIRO, risonho

Ora digam lá que um corpo de quarenta anos é o ataúde de um coração morto!... Que brilho apaixonado ainda tens nesses olhos! Ora vamos... mãos à obra. Peço oito dias de paciência, e prometo, dia por dia, avisar-te dos pormenores desta sindicância. Não perco um minuto (erguendo-se). Esperança, meu Mascarenhas. A Providência há de auxiliar as minhas pesquisas. Adeus. (Repartindo em Jorge, que vem entrando). Quem é este peralta?

MASCARENHAS

Deve ser relação do meu filho.

CONSELHEIRO

Adeus, Mascarenhas. Nada de prevenções fúnebres. O pequeno há de melhorar.

(Sai).

CENA III

BERNARDO DE MASCARENHAS, e JORGE DE SÁ

MASCARENHAS

Naturalmente procura meu filho.

JORGE

Exatamente, e aproveito a ocasião para cumprimentar V. Ex^a a quem felicito por ser pai de um moço com tão excelentes qualidades.

MASCARENHAS

Muito grato, senhor... não tenho ainda o prazer...

JORGE

JORGE de Sá.

MASCARENHAS

Muita satisfação em conhecer o senhor Jorge de Sá. Eu vou ver se o meu filho está acordado. (Sai).

CENA IV

JORGE de Sá, e depois o MÉDICO

JORGE

É um ricoço bem amável este homem que se chama Bernardo! Estes capitalistas que se chamam Bernardos, dizem, mas não fazem “bernardices”. Este homem, se tivesse uma filha, era um ente adorável! Merecia a pena fazer uma tentativa de prosperidade... (Ao médico, que entra). Por aqui, amável doutor?

MÉDICO

Oh! que grande traquina! Veio hoje de Benfica?

JORGE

Neste instante, meu caro Paracelso!

MÉDICO

Como passou sua tia a noite?

JORGE

Creio que andou a pé, com um candeeiro em punho à laia de fantasma. O doutor, minha tia será sonâmbula?!

CRIADO, ao reposteiro

O senhor Alfredo está-se levantando, e pede o favor de o esperarem um instante. (Sai).

JORGE

Que lhe parece, meu amigo, aquele incómodo da minha tia é sério?

MÉDICO

O senhor é que não parece sério na pergunta. A sua tia tem um aneurisma, agravado por padecimentos morais em que o senhor deve ter um grande quinhão de influência.

JORGE

Ora essa!... Eu sou o anjo bom daquela casa. Incomodo tão pouco minha, tia, que se passam três dias que a não vejo.

MÉDICO

Oh! essa indiferença é muito amável! Está plenamente justificado o senhor Jorge...

JORGE

Pois não acha?! E aquela pequena, afilhada da minha tia, que tem?

MÉDICO

Não sei.

JORGE

Aquilo é paixão, não lhe parece?

MÉDICO, irónico.

Será... talvez paixão... por V. S^a.

JORGE

Nada, não é por mim. Deixe estar que eu hei de contar-lhe um segredo com que o meu amigo pode acreditar muito a sua medicina.

MÉDICO

Agradecido, e vamos emparceirados. Olhe se me faz um doutor sangrado, que eu depois faço-o ao senhor o meu Gil-Brás.

CENA V

Os mesmos, e Alfredo de Tovar

ALFREDO, quebrantado e lívido, proferindo a custo as palavras

Senhor doutor, bom dia. Desejava ver-te, Jorge.

JORGE

Procurei-te já três vezes, e o guarda-portão disse que não recebias. Suspeitei da veracidade da defesa, lembrando-me se seria só para mim...

ALFREDO, risonho

Das duas uma: és simples, ou mau.

MÉDICO

O senhor Jorge... simples! Isso é o mesmo que injuriá-lo! O senhor Jorge não quer passar por isso.

JORGE

Como te dás com este doutor? Já te adivinhou a moléstia? Se as receitas forem como os epigramas... Diz-me cá: porque não vais convalescer a Benfica?

ALFREDO, a meia voz

Ignora tudo...

JORGE

O doutor é o médico da minha tia e de Luísa; são dois doentes. Tu vais também, três. Eu arranjo uns tubérculos provisórios, quatro... fazemos daquela casa um hospital de doentes românticos. Valeu!

ALFREDO

Quem me dera o teu bom humor, Jorge... (Ao médico) Então, a senhora D. Emília está de cama?

MÉDICO

De cama, não: aquela senhora há de morrer a pé... tem um aneurisma. (A Jorge). O senhor não tenha a imprudência de lho dizer...

JORGE

O doutor, eu terei aneurisma? Sabe você que eu, quando tenho dinheiro, dou duzentas e setenta e cinco pulsações por minuto! Ora apalpe... (Dando-lhe o pulso) Se eu der uma pulsação agora, corto as orelhas.

MÉDICO

O que o senhor tem é um princípio de encefalite. A sua cabeça tem grandes lesões.

JORGE

Olhe que eu sei de cor o meu Molière, doutor...

MÉDICO, a Alfredo

Vamos ca... deixe ver este pulso. Houve novo vômito de sangue?

ALFREDO

Durante a noite, duas vezes. (Cai numa profunda concentração).

JORGE

Queres tu ir para Benfica? Eu tenho aí o meu gig. Venha também, doutor, que eu vou na almofada.

MÉDICO

O senhor Alfredo não pode sair sem grande recato; todavia, se o espírito lhe aceita o passeio como divertimento... Que diz, senhor Tovar?

ALFREDO

Como? Não ouvi bem...

JORGE

Se queres ir a Benfica.

ALFREDO, estremecendo

Não.

JORGE

Doutor, eu sou íntimo amigo de Alfredo, e vou fazer, por isso mesmo, uma revelação de que depende a sua pronta melhora.

MÉDICO

E eu desejo-a.

ALFREDO

JORGE! discrição!

JORGE

Está bem... não te impacientes: eu não digo nada.

MÉDICO

Senhor Alfredo, o que este senhor sabe posso eu sabê-lo... Consinta que ele me anime, fazendo essa revelação, a falar-lhe como amigo, pois que até aqui só tenho podido operar como médico.

ALFREDO

JORGE nada sabe.

JORGE

Pois eu nada sei?! O Alfredo, eu não sei nada?!

ALFREDO

Não.

JORGE

Sei tudo.

ALFREDO

Diz o que sabes.

JORGE

Alfredo ama a afilhada da minha tia, quer casar com ela, mas o pai nega-lhe consentimento. Aqui está o mistério em quatro palavras, e agradeçam-me o laconismo, porque hoje não há mistério que não tenha três volumes, pelo menos.

ALFREDO, ao médico

Meu amigo, Jorge foi verdadeiro e falso. Amo essa menina, quis casar com ela; o mais é falso: meu pai ignora tudo.

JORGE

Então com se explica a tua ausência daquela casa, a doença da minha tia, a doença de Luísa, e a tua doença? Este hospital de sangue e lágrimas, o que é?

ALFREDO

Poupem-me a explicações. (Ao doutor) Sinto um mal-estar indefinível, um esvaecimento que me anseia. (Recosta-se no sofá).

MÉDICO, apalpando-lhe a testa

Está suando copiosamente... é um vágado. Senhor Alfredo!

JORGE

Está sem sentidos? (Aparte) romântico!

MÉDICO

Está. Venha cá. (Afastam-se) O senhor tem a certeza do que disse?

JORGE

Ora, se tenho! Não o contrariei para o não mortificar; mas a verdade é esta. Alfredo ama Luísa furiosamente. isto é um evangelho. Para um rapaz honrado são fatais os dois bicos do dilema do amor. Quer casar, e não tem meios. A minha tia naturalmente não dá nada à afilhada, porque é uma grande sovina, e o pai não lhe dá nada a ele. Agora, doutor, com esta noção sintomatológica

(que palavra tamanha!) está na sua mão curá-lo. Faça com que este Bernardo lhe dê uns trinta contos para começo da vida, e verá que se acredita como médico espiritual, porque tem a habilidade de curar três pessoas ao mesmo tempo, a saber: ele, Luísa, e a minha tia.

MÉDICO, enfadado

O senhor é um trapalhão! Adeus, meu amigo! Está sempre falando em estilo de dom Bibas, e o assunto é grave de mais para jogralidades.

JORGE

Fique no que lhe parecer, doutor. Vou-me embora.

CENA VI

Os mesmos, e um CRIADO

CRIADO

Aqui está o senhor Jorge de Sá?

JORGE

Sou eu.

CRIADO

Tem a bondade de descer ao pátio?

JORGE

Que é?

CRIADO

Faz favor de se não demorar. (Jorge sai).

MÉDICO, ao criado

Venha cá: o que é isso lá no pátio?

CRIADO

Entraram dois oficiais de diligências, e perguntaram pelo senhor Jorge de Sá para o fazerem depositário do carro e do cavalo que lhe penhoraram na rua.

CENA VII

Os mesmos, e depois JORGE

MÉDICO

Está bom; pode ir. (O criado sai) Bem diz D. Emília, que este homem é o seu flagelo.... Senhor Alfredo!

ALFREDO

Estou melhor... passou-me a agonia. Ouvi tudo o que aí se disse. doutor. Olhe que Jorge mentiu segunda vez... Que coisa é essa de uma penhora?

MÉDICO

Rapaziadas... Penhoraram o carro de Jorge...

ALFREDO

Meu amigo, vá remediar de qualquer maneira esse vexame, antes que o meu pai dê fé...

JORGE, ao médico, não reparando em Alfredo

O doutor, o senhor tem aí doze libras que me empreste até logo, para me livrar da desfeita de um canalha? Eu escuso de ir ao pátio, que já sei o que é...
Empresta-me doze libras?

MÉDICO

Aqui, não senhor; mas, se se demora, chego a minha casa buscá-las.

ALFREDO

O senhor doutor, queira entrar no meu quarto, e trazer esse dinheiro do que lá há de estar nas gavetas do toucador. (O médico sai).

CENA VIII

JORGE e ALFREDO

ALFREDO

Não digas a Luísa que me viste neste estado.

JORGE

Palavra de cavalheiro, não digo... Porque não casas tu contra a vontade de todo o mundo, e não levantas a tua legítima materna?!

ALFREDO, com dócil paciência

Cala-te, que me torturas!...

CENA IX

Os mesmos, e o MÉDICO

MÉDICO

Aqui estão as doze libras.

JORGE, aceitando com sofreguidão.

Lança nas nossas contas, Alfredo... e até logo. (Sai).

ALFREDO, sorrindo

Em nossas contas !... E um desgraçado com exterior bem feliz este rapaz!

MÉDICO

Dá cabo da casa da tia, e da dele.

ALFREDO, erguendo-se

E da sua honra, que é o pior... Queria-me deitar, meu amigo.

MÉDICO

O seu pai disse-me agora que desejava falar-lhe, logo que estivesse só. Não pode?

ALFREDO

Posso... faço um esforço.

MÉDICO

Eu retiro-me, e virei depois. Cedo o lugar a outro médico de que espero a sua cura.

ALFREDO, sorrindo tristemente

Sim?... a minha cura... (senta-se). (O médico sai).

CENA X

ALFREDO e depois BERNARDO DE MASCARENHAS

ALFREDO

O meu pai vem lembrar-me a obrigação de lhe contar a minha vida.

(Erguendo-se, vendo entrar o pai).

MASCARENHAS

Senta-te, Alfredo. O mesmo estado, sim? (palpando-lhes as mãos).

ALFREDO

Pouco alívio sinto.

MASCARENHAS

Que há na tua vida, Alfredo? Quero ver o teu coração... peço, como amigo, e exijo como pai. Diz-me que sofrimento moral é o teu. Se me respondes com evasivas, desconheço em ti o meu filho sincero e franco sempre comigo.

ALFREDO

Sempre, até morrer, meu pai.

É filho que responde ao amigo... Amo há três meses uma órfã pobre, a filha de uma senhora a quem fui apresentado. Não tinha amado nunca. Foi uma adoração a minha, cheia de tormentos, porque me estava sempre aterrando o receio de perdê-la. Eu sabia que havia de morrer... perdendo-a.

MASCARENHAS

E perdeste-a? morreu?

ALFREDO

Antes morresse... estava, esta hora, esperando-me noutra vida melhor...

MASCARENHAS

Traiu-te?

ALFREDO

Não, meu pai... primeiro seria eu capaz de traiçoa-la, amando-a tanto... Não me traiu... Perdoa o que eu vou dizer-lhe?

MASCARENHAS

Perdoo, filho, diz tudo.

ALFREDO

Eu não supliquei o consentimento do meu pai para pedir Luísa a sua madrinha. Foi instantânea esta resolução. Tencionava vir de lá ajoelhar-me aos seus pés, e dizer-lhe: não lhe peço um ceitil: suplico a sua bênção para ela.

MASCARENHAS

E pediste-a?

ALFREDO

Pedi: enchi de júbilo o coração da excelente madrinha, chorávamos todos três de felicidade...

MASCARENHAS

E depois?...

ALFREDO

Falei da minha família... (Muito aflito) Não posso continuar, meu pai...

MASCARENHAS

ALFREDO, não consinto o teu silêncio, ainda que seja um crime.

ALFREDO

Crime não, é uma culpa.

MASCARENHAS

Fala, Alfredo.

ALFREDO

Falei da minha mãe com muita saudade e dó: disse que ela fora uma mártir... e proferi o nome do meu pai com doloroso azedume. (Vai lançar-se-lhe de joelhos e o pai levanta-o). E mal proferi o seu nome... a madrinha de Luísa... exclamou: “Está tudo acabado entre nós: não lhe dou minha afilhada; seja honrado não voltando mais a esta casa...” E eu saí com o frio da morte no coração... para esta longa agonia... Disse tudo, meu pai.

MASCARENHAS

Quem é essa senhora?

ALFREDO

A madrinha de Luísa é D. Emília.

MASCARENHAS

Onde vive?

ALFREDO

Em Benfica.

MASCARENHAS

Sabes se essa senhora foi relação da tua mãe?

ALFREDO

Creio que não... decerto não foi.

MASCARENHAS

Supões que o seres filho de um homem, cuja mulher... viveu desgostosa, é a causa dessa retratação?

ALFREDO

Não posso imaginar outra.

MASCARENHAS

ALFREDO, eu quero ver essa senhora. O teu pai vai justificar-se diante de uma mulher que nunca viu. Quero provar-lhe que não é herança de família,

nesta casa, o martírio das mulheres. Essa menina será tua esposa, ou eu provarei que D. Emília está demente.

ALFREDO

Meu pai! (Abraçando-o). Não a faça sofrer...

MASCARENHAS

Irás amanhã comigo a Benfica, e ficarás na sege enquanto não puderes transpor com honra o limiar dessa casa.

CENA XI

CRIADO e os mesmos

CRIADO

Uma carta para o senhor Alfredo. (Sai).

ALFREDO

É de Luísa. (Grande sobressalto, treme para abri-la e não pode). Veja, meu pai.

MASCARENHAS, lendo

“Alfredo, diz-me que vives. O meu querido irmão, não me expulses da tua alma até que eu morra. Se fores adiante de mim, abençoa os meus paroxismos. A minha madrinha diz que morre, e que me há de dizer a causa da nossa desgraça à hora da morte. Qual será, meu Deus?!... Não posso mais. A febre tira-me a vista... Deus me leve depressa... “ Eu respondo a esta carta, Alfredo.

ALFREDO

De que modo, meu pai?

MASCARENHAS

Três palavras: esperança, minha filha, e assinarei o meu nome.

CENA XII

um CRIADO, os mesmos, e depois o CONSELHEIRO

CRIADO

O senhor conselheiro Nóbrega.

MASCARENHAS, alvoroçado

Que entre. (Para Alfredo). Precisas repouso, filho, vai ao teu quarto.

CONSELHEIRO

Olé! o nosso Alfredo está melhor! Isto já é ar de vida!

ALFREDO, apertando-lhe a mão de passagem para o quarto

Creio que sim, senhor conselheiro... (Sai).

CENA XIII

MASCARENHAS e o CONSELHEIRO

MASCARENHAS

Que volta tão rápida é esta?!

CONSELHEIRO

Eu não te disse que a Providência nos auxiliaria?

MASCARENHAS, com veemência

Que é? encontraste?!

CONSELHEIRO

Estou no caminho... Creio que encontrei.

MASCARENHAS

Aonde?

CONSELHEIRO

Numa aldeia vizinha de Lisboa.

MASCARENHAS

Está solteira?

CONSELHEIRO

Está solteira.

MASCARENHAS

Aonde? Aonde? Ó Providência!

CONSELHEIRO

Devagar, Mascarenhas. O agente principal sou eu. Antes que a vejas, hei de eu vê-la. Quero preveni-la, para que a não mates com a surpresa. É muito possível,.. Amanhã sou eu o que vou. Depois iremos ambos.

MASCARENHAS

Tens a certeza de que é ela?! Diz, meu amigo... a certeza?

CONSELHEIRO

A certeza. A cem passos da tua porta encontrei o próprio irmão dela: dele soube tudo.

MASCARENHAS, com solenidade

Meu amigo!... antes que a felicidade me mate, deixa-me agradecê-la a Deus.

(Ergue as mãos).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Uma saleta com alcovas laterais, e porta ao fundo

CENA I

LUÍSA, chamando a uma porta do lado, a meia voz

Minha madrinha, minha madrinha!... Parece que dorme. A nossa Senhora queira... A minha madrinha! (Afasta-se). Tudo me aterra! Estou sempre a recear que o sono seja o último... (Torna a escutar à porta que abre subtilmente). Respira alto... este dormir há de fazer-lhe bem. (Tirando uma carta dentre as páginas de um livro). Queria mostrar-lhe esta carta. Tenho chorado tanto sobre estas letras... (Lê) “Esperança minha filha - Bernardo de Mascarenhas”. É o pai dele... Pois se Alfredo está tão doente que não pode escrever-me... que esperança é esta que me prometem!... Será a do céu!... Deus ma realize depressa. (Ouvindo passos, esconde o bilhete).

CENA II

LUÍSA e JORGE DE SÁ

LUÍSA, com o dedo no nariz

Sio! sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

JORGE, pé ante pé

Eu falo baixinho... Não sabe? Estive com Alfredo.

LUÍSA, com vivacidade

Ai! esteve? Senhor Jorge, esteve?

JORGE, comicamente

Sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

LUÍSA

Ele como está?

JORGE

Doente; mas não é nada. Eu receitei-lhe, e o rapaz, se o facultativo assistente seguir o meu método, está curado.

LUÍSA

Receitou-lhe?!...

JORGE

Sim, Luisinha. Declarei onde estava a enfermidade, e a maneira de a debelar.

LUÍSA

Então?! onde é que está?

JORGE

Olhe, menina: eu sei tudo, e, por saber tudo, disse o que sabia, para salvá-los ambos. Creia que sou seu verdadeiro amigo. Alfredo quer casar consigo, e o pai dele não consente. É isto, ou não é?

LUÍSA

Não, senhor Jorge, não.

JORGE

Agora vejo que me julgam ambos um grande lorpa! Então que é?!

LUÍSA

Não sei, não sei...

JORGE

Não sabe! ora essa!... Não me acha digno do segredo? Seja o que for... Que serviços quer a menina que eu lhe faça para se realizar o seu casamento?

LUÍSA

Valha-me Deus, senhor Jorge, não falemos em. casamento, não?... Diga-me o que me queria, quando há pouco me disse que precisava muito falar-me.

JORGE, com gravidade

Eu lhe digo, minha boa amiga: precisava contar com o seu excelente coração para lhe não ser importuno. Atenda-me, Luísa. Eu tenho sido um rapaz muito extravagante, tenho comprado muito caras as minhas loucuras, tenho desbaratado o meu e o alheio. Estes rapazes de Lisboa perderam-me, arruinaram-me, estou empenhado, e amanhã estarei desonrado, coberto de opróbrio, não acharei uma pessoa de bem que me aperte a mão. Isto é horrível, minha amiga, para um homem cavalheiro, brioso por sangue, sangue de velha raça portuguesa! Querem atar-me a um poste de ignomínia... Querem matar uma alma nobre!... Compreende o meu infortúnio, Luísa?

LUÍSA

O senhor Jorge tem desprezado os conselhos da sua boa tia...

JORGE

Era tarde para aproveitá-los. A minha honra estava já hipotecada por grandes quantias, quando minha boa tia me disse que eu ia, pelo caminho da desonra, direito ao abismo da perdição. Hoje quero reabilitar-me, e não tenho quem me

proteja. Quero sacudir o jugo dos credores, e a cada dia me sinto mais curvado debaixo dele. Isto é atroz, infernalmente atroz. (Com esgares melodramáticos arrepiando os cabelos).

LUÍSA

Não se mortifique assim, senhor Jorge. De Deus virá o remédio. Fale com a minha madrinha, que é um anjo: exponha-lhe as suas penas, e verá como ela se condói: diga-lhe tudo...

JORGE

Eu já não acho sensibilidade no coração da minha tia...

LUÍSA

Não diga isso, que é uma calúnia. A minha madrinha não repele na desgraça as pessoas estranhas, menos o fará ao seu sobrinho.

JORGE

Não tenho coragem de pedir-lhe mais dinheiro... Preciso de uma quantia grande.

LUÍSA

Quer o senhor Jorge que eu lha peça? Eu lanço-me de joelhos aos pés dela, e digo-lhe o que diria para acudir a um meu irmão.

JORGE

Obrigado, Luísa: o seu coração é uma joia sem preço neste mundo; mas não aceito o seu favor, porque sei que a minha tia não me dá o dinheiro que preciso para resgatar a minha honra. Temos um meio, um único meio, minha querida amiga, e esse depende todo da sua compaixão.

LUÍSA

Qual é, qual é?

JORGE

Faz-me um favor impagável, Luísa? Quer salvar-me? Promete fazer o que eu lhe pedir?

LUÍSA

Oxalá que eu possa!

JORGE

Olhe, minha amiga, eu estou para receber brevemente a legítima da minha mãe. Daqui a um mês estou rico; mas os meus créditos não podem sustentarse até lá. De hoje até então preciso uma grande quantia, que pagarei impreterivelmente. Luísa, na sua mão está salvar-me. A minha tia tem um adereço de brilhantes, que nunca põe. Luísa sabe onde ele está. Emprésteme, eu obtenho sobre ele o dinheiro que preciso, e daqui a um mês restituo-lhe o adereço.

LUÍSA

Ó senhor Jorge!... eu não faço tal...

JORGE

Porquê?!

LUÍSA

Não sou capaz de tocar num alfinete da minha madrinha.

JORGE

Mas, Luísa, não vê que daqui a um mês estão as joias no mesmo lugar, sem a tia ter dado fé de se lhe tocar?!

LUÍSA

Não posso, não posso, faz-me tremer só a ideia de abrir as gavetas da minha madrinha!... Pelo amor de Deus não me peça semelhante coisa, senhor Jorge!
(Vê-se D. Emília espreitando da porta da alcova).

JORGE

Então... folga com a minha desonra? Quer que eu seja vexado? Entendo-a, minha prezadíssima amiga! Espera ser herdeira da sua madrinha, e receia ficar sem as joias... Eu farejei sempre de perto a sua velhacaria com capa de

inocência... Está enganada.... Hei de disputar-lhe a herança até à última rodilha desta casa! Hei de provar-lhe que na herança de um governador de Luanda não pode suceder... uma enjeitada... (Sai).

CENA III

LUÍSA e depois D. EMÍLIA

LUÍSA, soluçando

Meu Deus! peço-Vos sempre a vida da minha madrinha; recebei agora as minhas orações com o merecimento desta nova dor! (Ouve-se uma campainha. Luísa corre ao quarto de D. Emília, e encontra-a a sair. D. Emília encosta-se-lhe ao ombro). Como se sente, minha madrinha?

D. EMÍLIA

Pareceu-me ouvir a voz de Jorge.

LUÍSA

Saiu agora daqui.

D. EMÍLIA, irónica

Veio saber de mim, sim?

LUÍSA

Veio... sim... A minha senhora...

D. EMÍLIA, a meia voz, beijando-a

Que anjo! (Alto) Não o vi há três dias... (Senta-se). É um homem muito desgraçado, não é, Luísa?

LUÍSA

É, é, minha madrinha!...

D. EMÍLIA

Já não sei o que hei de fazer para o melhorar... Aquilo é destino. Ainda agora... tolera-se muito desatino a um rapaz de vinte e dois anos; mas o seu fim de vida... há de ser triste...

LUÍSA

A minha madrinha ainda podia valer-lhe...

D. EMÍLIA

Eu!? Dizes-me tu isso, Luísa?! Valer-lhe!... Como?

LUÍSA

Dê-lhe dinheiro para ele pagar as suas dívidas.

D. EMÍLIA

E se as dívidas de Jorge absorvessem tudo o que eu tenho?

LUÍSA

Não será tudo... pouco que nos fique bastará para nos sustentarmos. Se não chegar, eu trabalharei; e, com o meu trabalho, irei pagando à minha madrinha o desvelo com que me fez ensinar tantas prendas.

D. EMÍLIA

E que farias tu, depois da minha morte, se ficasses pobre?

LUÍSA

Não me fale na sua morte... não?...

D. EMÍLIA

Oh! a mãe que puder apertar ao seio uma filha assim, ajoelhe e diga ao Senhor que o coração dessa filha está perdido neste mundo... Eu quero falar a Jorge... Vai, filha, e diz a um criado que o avise de que eu o estou esperando.

LUÍSA

Consegui a sua proteção ao senhor Jorge? Diga-me que sim, madrinha, diga!...

D. EMÍLIA

Vai... vai, Luísa. (Luísa sai).

CENA IV

D. EMÍLIA

Eu tenho sido uma vil mulher!... Deus deu-me este tesouro, e eu escondi-o. É ela a que me enche o coração de nobre orgulho, e eu... reneguei-lhe o nome. Filha do crime... e dotada de tantas virtudes!... Escondi esta minha riqueza aos olhos da sociedade, mascarei-a com um título falso em respeito ao mundo, e o mundo que me dá por este sacrifício.... Sou duas vezes desonrada aos meus próprios olhos!... Se não soube ser virtuosa... devia saber ser mãe. (Soluça, escondendo o rosto).

CENA V

D. EMÍLIA e JORGE.

JORGE

Chamou-me, minha tia?

D. EMÍLIA

Chamei-o para implorar a sua misericórdia.

JORGE

Como, minha tia?

D. EMÍLIA

A vítima pede alguns dias de tréguas. Deixe-me morrer tranquilamente...

retire-se desta casa, vilão!

JORGE

Vilão! eu sou homem a que se se chame vilão! Explique-se... Que crimes fiz eu?

D. EMÍLIA

O senhor não fez crimes, no crime há muitas vezes um ar de nobreza... O senhor o que tem são infâmias.

JORGE

Compreendo... Sei onde se esconde a víbora. Poderei ter infâmias; mas por mais infâmias que tenha, falta-me uma: não fui enjeitado, nem sou um miserável que mão piedosa ergueu da lama. Hei de pagar a todos o insulto com usura. É a dívida Mais sagrada que tenho.

D. EMÍLIA, de pé, convulsiva

Eu sou uma mulher, senhor!... Grito por socorro, se se demora um instante. É o opróbrio da minha família. Principiou pelo vício, e acabou por sugerir o roubo! Quis corromper o coração de um anjo, que lhe há de um dia matar a fome com algumas migalhas de pão...

JORGE, rindo

A mim?!... veremos... (Sai).

CENA VI

D. EMÍLIA, um Criado, e depois o PRIOR de Benfica.

CRIADO

O senhor prior espera as ordens de V. Ex^a.

D. EMÍLIA, prostrada

Que entre... Oh Santo Deus, que fim de vida o meu!

PRIOR

Em que sobressalto a encontro, minha senhora!...

D. EMÍLIA

Estou muito oprimida... O senhor é um justo; peça a Deus por mim, que vou deste mundo espedaçada fibra a fibra.

PRIOR

Vai, vai, minha querida senhora... E a bem-aventurança para quem é?! Agora, que está raiando para V. Ex^a o sol do dia eterno, é cantar louvores ao Senhor. Benditas sejam as mágoas no fim da vida, que são as últimas flores onde se geram os frutos do céu. Ânimo, minha santa senhora!...

D. EMÍLIA

Escreveu, senhor padre António?

PRIOR, tirando do bolso da batina um rolo de papel

Sim, minha senhora; organizei os seus apontamentos; mas falta-me encher dois espaços, que V. Ex^a deixou em claro.

D. EMÍLIA

Bem sei: queira ler esse artigo.

PRIOR, lendo

“Instituo minha universal herdeira Luísa Amélia, minha afilhada, pelo muito que me merecem a sua amizade e serviços. (Vê-se, ao fundo, Jorge

espreitando). Nomeio meu testamenteiro o Exmo. Sr...” Aqui está um espaço em branco.

D. EMÍLIA

Faz favor de encher (ditando): “Nomeio pelo meu testamenteiro o Exmo. Sr. Bernardo de Mascarenhas, residente em Lisboa, na calçada do Marquês de Abrantes”. Queira ler o que se segue.

PRIOR

“E para merecer ao citado testamenteiro os seus bons officios e zelosos cuidados a favor da minha afillhada Luísa Amélia, peço e suplico ao Exmo. Sr. Bernardo de Mascarenhas que preste toda a consideração e benevolência à minha última vontade, como se essa consideração e benevolência lhe fosse pedida pela mãe de Luísa Amélia, a qual, há dezoito anos, se chamava...” Aqui está outro espaço. (Jorge desaparece).

D. EMÍLIA

Faz favor de encher: “que há dezoito anos se chamava Amália de Sá.” Senhor padre António... isto aqui é um confessional... chame um tabelião para

encerrar esse testamento que deposito nas suas mãos... Espere... (escutando)

Eu ouço a voz do meu irmão... Deixe-nos sós. (O prior sai).

CENA VII

D. EMÍLIA DE SÁ e FRANCISCO DE SÁ

FRANCISCO DE SÁ

Eu venho a chamar desde a porta da rua, e ninguém me fala. Como queres que te chame, Amália ou Emília? Será Emília, visto que te crismaste. Como tu estás acabada, mulher! Isso que é?

D. EMÍLIA

É a velhice.

FRANCISCO

Qual velhice! Tu tens trinta e nove anos, e eu quarenta e cinco. Como vai a tua afilhada? Eu não sei nada. O Jorge só me escreve quando quer dinheiro. Não sabes quem ontem me pediu novas tuas com muito interesse? O Nóbrega. Não te lembras de um rapazote que era juiz de fora, em Évora, em 1828? Um rapaz que suciava muito com o cadete Mascarenhas? Olha, olha, ainda não podes ouvir este nome sem mudar de cor! Isso é que foi amor com raízes... Pois o conselheiro Nóbrega filou-me na calçada do Marquês de

Abrantes, e fez-me dizer onde estavas, se eras solteira, casada, viúva... enfim, estou a ver que o homem te quer fazer a corte...

D. EMÍLIA

Fala tanto, e tão alto, mano!

FRANCISCO

Se te parece, há três anos que te não vejo!... E o rapaz como se portar!...

D. EMÍLIA

É por causa do seu filho que o mandei chamar. A sua existência nesta casa é impossível. Tenho esgotado todos os meios da prudência. Dantes era tratada com indiferença; agora sou insultada.

FRANCISCO

Insultada! Onde está esse patife!...

D. EMÍLIA

Não quero motim. Procure seu filho, e tire-o da minha casa sem desordem.

FRANCISCO

Está segura, mana, deixa-o comigo. Ele está em casa?

D. EMÍLIA

Não sei.

FRANCISCO

Eu vou procurá-lo. Porque me não avisaste há mais tempo? Ora isto, ora isto!

(Sai).

CENA VIII

D. EMÍLIA, LUÍSA e depois o MÉDICO

LUÍSA, com uma tigela, um guardanapo, e colher

Trago-lhe um caldinho, minha madrinha. Faz-me o sacrifício de o tomar? O senhor doutor vem aí.

D. EMÍLIA

Dá cá. (Depondo-o na mesa). Deixa arrefecer.

MÉDICO

Como estamos nós?... O pulso está muito fraco. (Tomando a chávena) Tome o caldo.

D. EMÍLIA

Está muito quente.

MÉDICO

Arrefece-se. (Senta-se bascolejando o liquido com a colher, e reparando).

LUÍSA

Não lhe parece que a minha madrinha está melhor?

D. EMÍLIA

O doutor diz sempre que sim.

LUÍSA

Então?! não responde? (O doutor ergue-se examinando mais atentamente o caldo) Que está a ver? (O doutor prova o caldo e repele-o da boca).

MÉDICO

Este caldo ferveu em envasilha de cobre?

LUÍSA

Não, senhor! Que lembrança!

MÉDICO

Aqui... há veneno.

LUÍSA, arrebatando-lhe a chávena

Jesus!

D. EMÍLIA

Veneno!

MÉDICO, serenamente

Veneno, sim; mas aquele já a não mata... A sua situação não obstante é horrível, minha senhora. Isto é muito grave... Tem suspeitas?...

D. EMÍLIA

Tenho. (A Luísa) Onde está Jorge?

LUÍSA

Oh meu Deus!

D. EMÍLIA.

Fala, Luísa... onde viste Jorge? Debaixo de juramento to exijo!

LUÍSA, com relutância

Vi-o, há bocadinho, acendendo um charuto ao fogão.

D. EMÍLIA, sorrindo

Vê, doutor? É meu sobrinho que me envenena... Que situação! deixe-me sorrir... o extremo da desgraça tem esta expressão.

MÉDICO

Remédio pronto, senhora D. Emília!

CENA IX

Os mesmos e CRIADO

CRIADO

Apeou-se um cavalheiro de uma sege, e pede a V. Ex^a o favor de o receber.

D. EMÍLIA

Não conheces?

CRIADO

Não, minha senhora.

D. EMÍLIA

Que situação para visitas sem familiaridade!... Que entre.

MÉDICO, a Luísa

Conduza-me à cozinha... (Sai).

CENA X

D. EMÍLIA e depois BERNARDO DE MASCARENHAS

D. EMÍLIA

Reconheço a misericórdia divina na coragem que me dá! Quase que vi com indiferença a morte de tão perto!... (Bernardo dá alguns passos, e a distância pára de repente, postos os olhos imóveis em D. Emília. Ela ergue-se de ímpeto, quer afastar dos olhos uma turvação e encosta-se convulsiva ao espaldar da cadeira).

MASCARENHAS, indo para ela um passo

És, Amália! és tu?... (D. Emília faz-lhe um sinal impetuoso de suspensão) Não posso! Foge-me, se és uma sombra! És tu, Amália? (Cai de joelhos aos pés dela, que lhe foge para ir cair prostrada no sofá. Mascarenhas ergue-se, e segue-a lentamente). O infame que não teve coragem de matar-se desamparando-te, o penitente de dezanove anos, o primeiro desgraçado da terra... pede-te perdão. Amália! (Ergue as mãos) Há dez anos que os meus cabelos embranqueceram. Olha para mim, Amália. As lágrimas na face de um velho são respeitáveis. Não deixes cair sobre mim a sepultura sem me apagares, na alma, este inferno que vai continuar-se noutra vida, Amália!

(Ajoelha) Amália! perdão! perdoa-me! Eu sei que devera ter morrido antes de me deixar prender ao cadáver de outra mulher. Eu fui um covarde, receando um degredo, um veneno, uma morte traiçoeira que devia aceitar em desconto das tuas lágrimas. Confesso aos teus pés a minha baixa alma, para que tu me eaves com o teu perdão, Amália; perdoa-me, anjo de sofrimento, que me hás de suavizar os meus últimos dias! Perdoa-me! (D. Emília ergue-se com ele, e, soluçando um agudo gemido, cai-lhe nos braços).

D. EMÍLIA

Não podia esperar outra dor ao pé da morte. Foi a Providência que te encaminhou aqui. Eu devo abençoar a Providência, e... abençoar-te. Vai em paz, meu infeliz amigo. Não me contes as tuas desventuras, que eu já as ouvi da boca de um filho, que chorava sua mãe... sei-as, adivinho-as... Vai... vai...

MASCARENHAS

Não! Encontrar-te para perder-te de novo! Oh! então a nossa Providência seria um escárnio! Não, Amália! O abismo que nos separa está vencido... Agora uma só vida e morte para nós ambos. Não me repulses, que repeles Deus que me trouxe aqui!

D. EMÍLIA

Vens assistir aos meus paroxismos... Olha que se morre assim... Vai, vai, por misericórdia... (Senta-se, soluçando).

MASCARENHAS, após instantes de meditação

Dai-me um raio de luz, Senhor! (Rápido) Amália! tu tens uma filha!... (Ela encara-o assustada) A mulher que amava Alfredo é minha filha!... Responde, responde, que esta incerteza leva-me a uma demência.

D. EMÍLIA, sufocada

...

MASCARENHAS

Mostra-ma, mostra-ma!

D. EMÍLIA

Vale-me, Mãe Santíssima!... Escuta-me...

MASCARENHAS

É esta a felicidade que mata!... Amália,, deixa-me ver nossa filha!

D. EMÍLIA

Sim... eu chamo-a... Faz-me um juramento... Não lhe dirás que és seu pai...

Aquele anjo condena-me pela ingratidão de lhe não chamar filha até este momento.

CENA XI

Os mesmos, Luísa e o Médico

MÉDICO, continuando a conversação com Luísa

Parece que o fim era o assassinio de uma família inteira! (Vendo Mascarenhas)
Oh! V. Ex^a aqui! o senhor Mascarenhas em Benfica!? (Luísa chega-se
alvorçada para D. Emília: os olhos de Mascarenhas seguem-na, e assustam-na. O médico fixando-os todos) Aqui há uma situação excepcional!
(Mascarenhas aproxima-se vagamente de Luísa, e toma-lhe a mão).

MASCARENHAS

Está admirada de sentir o tremor desta mão?... Será amor ou ódio?... Escute o que o coração lhe vai dizendo... Nada? nada?! (Aflição em D. Emília) Eu não lhe direi nada... (A D. Emília) Venha cá, Luísa. (Leva-a aos braços da mãe) Abrace-a, abrace-a... Não sente aí bater o coração de mãe? Crê que essas lágrimas possa chorá-las uma madrinha? E agora... fuja desses braços de ferro que a apertam, deixe-se apertar ao meu seio; (acompanha com ação as palavras) não ouve, não sente, (arrebatado) não sentes, filha, minha filha, não sentes um coração de pai?

D. EMÍLIA, muito atribulada

Jesus! (Luísa estupefacta entre os dois)

MASCARENHAS, a Luísa

Então? Nem uma lágrima? Nem uma expansão de júbilo? Rejeitas aquela mãe?

Não queres que o pai de Alfredo seja teu pai, e que o amado da tua alma seja teu irmão? (Luísa, soltando um ai, corre a ajoelhar ao pé da mãe desfalecida).

Doutor! tire-me daquele letargo... A minha mulher!

MÉDICO

Esperemos... isto passa... (tateando-lhe o pulso).

MASCARENHAS

Meu amigo! auxilie-me... O meu filho está ali fora numa sege; chame-o. (O doutor sai. Mascarenhas toma a filha pela mão) Luísa, quando tua mãe recuperar os sentidos, profere o m'eu nome, chama-me pai, e salvar-nos-ás a ambos... Amália, Amália!

D. EMÍLIA, sacudindo os cabelos dos olhos

Quem me chama?

LUÍSA

É meu pai que a chama; é meu pai, minha querida mãe. (D. Emília ergue-se impetuosamente, e lança-se nos braços de Mascarenhas).

CENA XII

Os mesmos, MÉDICO e ALFREDO DE TOVAR

MASCARENHAS, com Emília abraçada, e Luísa

Vem cá, Alfredo. O espetáculo é de prantos abençoados por Deus. Pasma, filho? O teu pai está a ser o homem mais feliz da terra... Queres também sê-lo? Queres um amor imenso, e infinito, que se continue no céu? É o amor de irmã. Vem cá: entrego-te este anjo para esse amor. Dou-te minha filha; é tua irmã; é filha desta mártir por quem viste sofrer um algoz desde que a razão te ensinou a ver a desgraça. Luísa é tua irmã, Alfredo. Abraça-a com efusão de todo o teu amor... e se a mãe dessa menina te merece um ósculo de filho...

ALFREDO, correndo a beijar a mão de Emília

Minha mãe!

D. EMÍLIA, abraçando-os a ambos

Meus filhos!... Agora... pode vir a morte!

CENA XIII

Os mesmos, FRANCISCO DE SÁ e JORGE DE SÁ

FRANCISCO de Sá, espantado

Eu conheço este cavalheiro!... (a Mascarenhas).

MASCARENHAS

Bernardo de Mascarenhas, antigo amigo do senhor Francisco de Sá, e amanhã o marido da sua irmã.

FRANCISCO

Sempre me pareceu que vinham a isto! A minha irmã acho que o namorava desde 1828! É bem certo o ditado do casamento e mortalha que no céu se talha. Pois, senhor, eu sinto muito vir interromper estas alegrias de noivos com uma cena feia e triste. Venha cá, Jorge! Ajoelhe aqui aos pés da sua tia. Já! (impelindo-o) quando não espedaço-o! Peça perdão, de modo que todos ouçam!

MASCARENHAS, erguendo-o

Eu perdoo, em nome dela, quaisquer que sejam as culpas. A misericórdia do Senhor desceu hoje sobre todos nós.

ALFREDO

E é preciso que desça. Entre nós está um homem muito desgraçado, e é preciso que ele seja feliz. Jorge de Sá pode reabilitar-se com o dinheiro nesta sociedade, onde o dinheiro é o Jordão que lava todas as nódoas. A minha mãe e irmã não carecem dos bens que possuem para serem felizes.

MASCARENHAS

Eu renuncio os bens da minha mulher em favor do seu sobrinho. Dou-lhos com uma condição. Há de julgá-los sempre herança de uma tia morta com veneno.

VOZES

Veneno!

D. EMÍLIA

Isto são palavras sem significação. Eu quis dizer que nunca mais aceitarei na minha presença esse homem.

CENA ÚLTIMA

Os mesmos um Criado e o Conselheiro Nóbrega

CRIADO

O senhor conselheiro Nóbrega.

CONSELHEIRO, entrando, com grande pasmo, a D. Emília

Eu vinha preveni-la, minha senhora... Mas... acho que já não é preciso...

(Rindo).

FIM